

HUMILDADE

O maior mal é a ignorancia da verdade
(Platão)

MAIO DE 1907

" Só a verdade vos fará livres "
(Jesus Christo)

ASSIGNATURA
Anno 2\$000

ORGÃO MENSAL DE PROPAGANDA DO « *ESPIRITISMO* »
Sob a Direcção do Grupo Humildade e Fé
Redacção provisoria: rua Urugayana N. 136, loja

Anno I
N. 6

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a RUA DA URUGUAYANA, 136 ao gerente, José Ferreira.

Um apello

Este modesto jornalsinho foi creado como organ do "Grupo Humildade e Fé" e como tal mantido por socios deste Grupo que contribuiam com a mensalidade de um mil reis. Circumstancias imprevistas porém, nos obrigaram a suspender os seus trabalhos, e dahi o afastamento quasi completo daquella mensalidade; e, a não ser o producto de algumas assignaturas, nos veriamos dentro em breve forçados: a suspender a sua publicação, ou, para corresponder á confiança que em nós depositaram os nossos confrades, mantel-o, como sacrificio material de seus directores.

Nesta contingencia, desejando nós não só mantel-o, mas, angariar elementos com que podessemos contar para o proximo anno, resolvemos: dar-lhe maior vulgarisação para o que, deste numero por diante augmentamos a sua tiragem; e, solicitar dos nossos irmãos em crença, que, quando possam e segundo as suas forças, nos auxiliem quer com assignaturas, quer com qualquer quantia, para a sua manutenção.

E' o que ora fazemos e acreditamos que deste modo conseguiremos continuar a contribuir com o nosso modesto esforço para a propaganda da doutrina de Jesus; e para não acarretar despesas de recibos, começaremos a publicar em secção propria na 4ª pagina, os nomes e quantias dos confrades que vierem em nosso auxilio para a propaganda da verdade.

Não façás aos outros, o que não quizeras que te fizessem

S. Matheus, Cap. VII, V. 12.

Eis uma das maximas de Jesus Christo, que bem pouco praticamos.

Em regra geral, egoistas que somos, tractamos apenas do nosso bem estar, sem nos lembrarmos que, muitas vezes para o conseguir, vamos tirar o socego e até o pão ao nosso semelhante.

Se temos em mira um negocio rendoso, embora não seja dos mais honestos, tractamos de congregar os meios de solver quaesquer obstaculos aos nossos ganhos, e, para isto — como o alvo é o interesse — procuramos angariar elementos, quaesquer que elles sejam, associando a nós algum dos nossos irmãos que achamos com as aptidões necessarias, offerecendo-lhe vantagens taes que o obrigamos a abandonar o emprego com que até ali se mantinha honestamente

Uma vez salvos por este processo, os capitaes que haviamos empregado, e, collocado o negocio em condições de prosperar, esquecemo-nos de quem concorreu para este *desideratum*, levando esta prosperidade á conta da nossa habilidade, etc., e procuramos desquitar-nos, do companheiro de trabalho, do zelador dos nossos interesses, do chefe de familia, que, para servir-nos abandonára interesses até então certos; e em regra geral, neste caso nem sequer procuramos apparentar honestidade dando-lhe aquillo que lhe promettemos; pelo contrario: certos da sua fraqueza, negamos-lhe a remuneração do seu trabalho, isto é, aquillo que garantimos dar-lhe para o obrigar a servir-nos.

Mas... os tempos passam, e como nem tudo podemos fazer, apparece um dos nossos auxiliares, que, forçado talvez pela necessidade, nos tira irreflectidamente uns magros mil réis. Esquecemo-nos ainda uma vez das necessidades alheias, e, como o que queremos é apparecer e brilhar na sociedade que nos adula, recorremos á autoridade para que seja preso aquelle infeliz.

Este facto dá-se frequentemente em todas as camadas sociaes, e, é infelizmente o resultado do egoismo materialista a que chegamos; não se daria porém, se procurassemos estudar aquella sublime maxima: NÃO FAÇAS AOS OUTROS O QUE NÃO QUIZERAS QUE TE FIZESSEM.

Com effeito, se o homem fosse honesto, e verdadeiro cumpridor dos seus deveres, não enganaria o seu semelhante, concorrendo com seu egoismo para o desassocego de uma familia; mas, se tendo-o feito n'um momento de irreflexão, procurasse sondar o porquê do segundo facto, chegaria á conclusão logica de que com este, estava resgatando a sua primeira falta e assim sendo, se regeneraria, lembrando-se mesmo que poderia voltar á condição de empregado e não *quereria que lhe fizessem o que elle tinha praticado*; ainda mais, ás vezes temos filhos e assim mesmo não trepidamos em atirar com um dos nossos irmãos para a enxovia, sem nos darmos ao trabalho de comparar esse infeliz com o nosso filho, que não sabemos as provações por que terá de passar.

Imaginemos esse transviado de um momento — denunciado, preso e encarcerado nas grades de uma prisão —. Se elle tem ainda um pouco de amor proprio, perde-o com a denuncia e a publicação do seu nome envolvido n'um caso triste; é accusado como criminoso e vai preso, dahi, a raiva, o odio e ás vezes o desejo de vingança começam a germinar em seu cerebro, contra aquelles que podendo remediar o mal indicando-lhe o caminho da reabilitação, o encarceraram, privando-o do que a humanidade tem de mais bello a — liberdade —; é em fim julgado e condemnado, eil-o em contacto com aquelles, que, infelizes como elle, estão agora profissionais na arte de matar, roubar, falsificar, etc., e portanto, na verdadeira escola do vicio, onde tudo se aprende menos o que é bom.

Cumprida a sentença, volta esse homem que ninguem mais conhece mas que é sempre um condemnado, profissional no crime e por isto mesmo inutil para applicar-se ao trabalho honesto, começando dahi a sua vida de verdadeiro criminoso cujo epi-

logo é, ou na cadeira ou cahido na calçada andrajoso e pustulento.

Voltemos agora ao principio da sua vida e analyzemos: quem é o causador do seu tragico fim?... Elle, que tinha aptidões para o bem e para o mal? Ou o outro, que podendo encarreiral-o aproveitando o que nelle houvesse de bom, preferiu ser o autor do seu infortunio apenas para vingar-se, sem se lembrar do dia de amanhã?... Sem duvida, este, porque não se deu ao trabalho de esmerilhar o seu passado.

Todos somos imperfeitos, senão não estaríamos aqui, e, tomando por base aquella maxima, seremos melhores para nós mesmos, e evitaremos muitos males que afligem a humanidade.

J. FERREIRA.

○ aparelho Marcy

O "*Annales des sciences psychiques*" de Março ultimo, publica uma interessante noticia sobre uma serie de sessões em Turin com o medium Eusapia, sob a direcção do professor Lombroso.

Descrevendo a terceira daquellas sessões, refere-se o nosso collega de Paris á experiencia do aparelho Marcy. Este aparelho compõe-se de um tambor Marcy com sua curiosa estructura de cylindros e agulhas, e um *cardiographo Marcy*. Achavam-se collocados: o tambor sobre uma meza perto do gabinete mediumnico, e o *cardiographo* no interior do gabinete, ligados um ao outro por meio de um tubo de borracha; um outro tubo de borracha ligava o *cardiographo* a um aparelho de Morse que se achava sobre a meza da experiencia. Tratava-se de fazer registrar sobre o papel fumado do tambor simultaneamente, a pressão feita pelo dedo do medium sobre o aparelho Morse no exterior, e a exercida pela entidade invisivel sobre o botão do *cardiographo* no interior, e constatar a energia dos dous phenomenos. Uma meza redonda de quatro pés, do peso de 11 kilogrammas, occupava o angulo do gabinete e supportava uma porção de pasta do peso de 27 grammas, para moldagem, perfeitamente polida, e coberta com um panno molhado.

Descrevendo o momento em que o aparelho começou a funcionar, diz o nosso collega:

«O Dr. Andonino medita sobre seu aparelho Marcy que já ha trez noites não é utilizado, e procura se assegurar se, o papel fumado não tem marca algu-

ma. Eis que um pequeno ruido annuncia que a agulha do aparelho se move. O Dr. Andonino pôz immediatamente em funcção o tambor, e o nosso ouvidopercebeu durante alguns segundos o rangido da penna que fez longos saltos sobre a superficie denegrada do tambor, de uma maneira correspondente á pressão exercida do interior sobre o *cardiographo*, traçando um *diagramma* curioso e variado; o gabinete está perfeitamente vazio e Eusapia tem, como sempre, as mãos nos registradores. Demais, a distancia entre o *cardiographo* e a cadeira de Eusapia (1, mo 80 cs) é tal que, quando mesmo ella o quizesse, não conseguiria calcalo com as mãos.

Esta prova fez emfim cahir toda a suspeita. Não é mais unicamente o testemunho de nosso sentido, mas um organismo de metal que registra como nós, uma força desconhecida; um aparelho scientifico bem conhecido move-se sem outra pressão que a de uma força invisivel; fixou sobre seu envoltorio a prova tangivel e mathematica da realidade destes phenomenos.»

HUMILDADE

A humildade não tem limite; e o homem neste mundo terá tanto de progresso quanto tiver de humildade.

Ha factos na vida social, que sendo de natureza tão vis e tão mesquinhos, nos parece impossivel humilharmos-nos, deante delles; isto porém, explica se pelo motivo de nosso atrazo moral.

Si Jesus não viesse nos ensinar a sermos humildes, exemplificando com sua resignação levada até o extremo, nós ainda hoje seríamos capazes de duvidar da possibilidade daquella benevolencia que nos faz amar a nossos inimigos, isto é, que exclue de nossa alma os sentimentos de odio, de rancor e de vinganças para substituil-o, por aquelle perdão que dá o bem pelo mal, e que é tão bem caracterisado nesta phrase do divino cordeiro: *se alguém vos ferir na face direita offerecei-lhe tambem a outra.*

De facto, o homem julga-se sempre exaltado quando de subito se vinga de qualquer affronta; porém a verdade é, que quanto maior tiver sido sua exaltação, tanto maior será a humilhação que por tal motivo elle terá tristemente, vergonhosamente de descer.

Ao contrario se dará com aquelle que se humilha, porque relativamente á sua humildade, elle terá subido a essa exaltação serena

santa que caracteriza o homem pela honestidade, nobresa e *sympathia*. Pois não foi assim mesmo que disse o amado Jesus nestas simples palavras: *Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado?*!

E' verdade que de todas as virtudes, aquella que mais difficil nos parece conquistar é, sem duvida, a humildade; e essa difficuldade é, como já dissemos, motivada pelo atrazo moral.

O homem, portanto, só poderá suffocar seus impetos de desforra, muito proprios da animalisação terrena, quando tiver ornado sua alma de muitas virtudes, depois de haver-lhe limpado de grande somma de vicios.

A humildade porém, não é só o sabermos dominar nossas iras; mas tambem o sermos completamente tolerantes com nossos irmãos collocados em qualquer gerarchia social; não somos uns mais que os outros, e o saber intellectual se manifesta de uma maneira especial para cada homem: respeitemos a todos, e cada um se julgue o menor para que todos se enalteçam.

O tempo que passa por nosso mundo é como constante procella; baixemos nossa cabeça para elevarmos o pensamento a Deus.

VAL. PERES.

A incombustibilidade entre os mediums

De uma carta do dr. Decréquy ao director do "*Annales de sciences psychiques*", publicada com a epigraphe supra no numero de Março daquella conceituada revista, traduzimos o trecho seguinte que offerecemos aos nossos leitores como objecto digno de estudo:

«— Em Alger, durante uma sessão de espiritismo, o medium, que era a senhora Vicente Garcia, sahio do gabinete mediumnico trazendo nas mãos um rôlo de papel que rasgou em pedaços e reuniu todos em um monte sobre a mesa. Depois, tomando uma lanterna de vidro em forma de cylindro, aberta na parte superior, collocou-a sobre o monte de papel accendendo tudo; em seguida, uma chamma se elevou em torno da lanterna que fendeu quebrando-se. Alimentado pela vela que derretia, o fogo durou cerca de dous minutos, segundo avaliaram M. M. Barbet e Valentin que estavam presentes. Durante todo o tempo da combustão, o medium tinha as mãos no meio da chamma sem que resultasse para elle nenhum inconveniente. Depois de se ter limpado as mãos do medium do preto da fumaça que as cobria, pôde-se constatar que ellas não continham traço algum de queimadura. A mesma scena se reproduziu quinze dias depois, em uma outra sessão; era durante o inverno de 1903, se bem me recordo.»

Tudo tem sua historia

Minha amiga Amparo que é um espirito muito observador, me deu ha dias um retalho de jornal que dizia o seguinte:

—«Paris, 5. — Na Rochela suicidou-se uma jovem de dezeseis annos por um motivo extraordinario.

Noemie Brillouet, assim se chama a suicida, estava desesperada por ver que sua mãe ia ter proxima-mente mais um filho, e não podendo tolerar isto, suicidou-se.»

A' primeira vista parece uma aberração incomprehensivel, um ataque de loucura, fugir de um sêr que ainda não havia nascido, e por conseguinte se está na duvida, se nascerá com vida e se ficará na terra; e Amparo me dizia: pergunte ao guia de seus trabalhos, nunca com mais motivo do que agora, porque, é originalissimo este suicidio, se é que essa jovem não estava louca.

— Tens razão, e eu te prometto perguntar o porquê desse sangrento caso.

Effectivamente perguntei e me responderam o seguinte:

«Como sei que o teu desejo é bom, sempre escuto teus pedidos que não têm outro objecto senão *aprender e ensinar*. Essa jovem suicida tinha perfeito entendimento, e suas faculdades mentaes estavam perfeitamente equilibradas; mas, no mais recondito de sua memoria palpitava uma lembrança dolorosissima, lembrança que vive com ella ha muitissimo tempo, lembrança que é superior á sua vontade; cada espirito tem seu character especial e só á força de multiplicadas existencias e de diversos acontecimentos, se vão esquecendo de suas dores passadas.

Em uma de suas anteriores existencias, a suicida de hoje, era uma jovem formosissima, filha de uma grande familia por titulos de nobreza e por seus importantes bens, podendo-se dizer que em seus vastos dominios *não se punha o só* tantas eram as suas propriedades em varios continentes.

Clarissa (nome d'outr'ora) era então completamente feliz, seus pais a adoravam, seus irmãos lhe queriam com delirio e seu noivo não vivia senão para ella; a unica nuvem que eclipsava algumas vezes o sol da sua felicidade, era que sua familia tinha fama de não ser muito sympathica á igreja de Roma, e só pelo respeito á sua alta posição social se iam livrando das iras do Santo Officio, se bem que a sanha religiosa pesasse sobre elles.

Celebrou a igreja a coroação da Virgem da Covadonga e por este motivo vieram á cidade muitos prelados, não só do reino mas tambem estrangeiros e entre elles um cardeal italiano que se hospedou em casa de Clarissa, muito a contragosto de sua familia; mas ha exigencias sociaes, que se não se at-

tendem em épocas de fanatismo religioso, se joga ás vezes até a vida. O cardeal Mauricio foi tractado ceremoniosamente e o prelado se deu por satisfeito com o tractamento que recebia e muito especialmente porque podia contemplar de perto a Clarissa, que, obedecendo ás ordens de seus pais escutava respeitosa-mente as praticas moraes do cardeal Mauricio.

Este, ver Clarissa e desejal-a foi obra de um momento; conteve-se ao principio para não assustal-a, até que emfim lhe disse claramente que não podia viver sem ella, e que della dependia ser muito feliz ou muito desgraçado, que a deixaria casar com o noivo com a condição de depois pertencer-lhe e que a não ser assim seria sua unicamente, pois a levaria para longe, muito longe, onde ninguem pudesse saber della. Clarissa respondeu-lhe positivamente, que nunca seria infiel a seu noivo que lhe deixava completa liberdade de acção, e que por isto mesmo, ella saberia cumprir com os seus deveres.

O cardeal não insistiu mais e partiu; Clarissa temendo ser causa de um conflicto, não disse nada do occorrido, nem a seu noivo, nem a sua familia, pois sabia que esta era victima de infames suspeitas: dizia-se que seus pais e seus irmãos protegiam aos judeus em muitas de suas empresas; começou porém a soffrer grandes inquietações, e depressa comprehendeu que estas eram bem fundadas, porque uma noite foi o seu palacio assaltado pelos familiares do Santo Officio, e, ella e sua familia levados para os calabouços da Santa Inquisição, accusados de protegerem as revoltas dos judeus.

Clarissa foi submettida a diversos interrogatorios e depois a obrigaram a seguir para Roma onde encontrou o cardeal Mauricio que lhe disse: de ti depende a salvação de tua familia, sê minha e todos recuperarão a sua liberdade. Ella respondeu-lhe indignada com uma recusa formal, e lhe disse mais, que, com a sua deshonra não comprava a liberdade de seus pais, porque estes ao saberem o preço da sua salvação, a matariam cem vezes, maldizendo a sua infamia e fraqueza.

O cardeal Mauricio, vendo a sua obstinação, se empenhou para possuil-a á viva força, empregando ora os carinhos ora os tormentos, mas assim mesmo não o conseguiu e chegou a enlouquecer ante aquella mulher tão escrava da sua honra; chegou a querel-a e quanto mais a martyrisava mais a desejava, deixava-a largas temporadas tranquilla, porque sobretudo não queria que ella morresse pois lhe horrorisava a idéa de perdê-la para sempre; já-mais a deixava só, temendo que tentasse contra sua vida e nesta luta terrivel passaram-se vinte annos.

Clarissa e Mauricio merreram no mesmo dia e á mesma hora, encontrando ella no espaço a seus pais e a seu noivo; mas, recordando-se

aos poucos de tudo que havia soffrido, sentiu tal espanto, que, perdoo a seu verdugo por ordem do seu Guia e de seus pais, mas o perdão não pôde apagar-lhe o terror que sentia ao pensar n'aquelle espirito que a havia arrancado do paraíso para arrojá-la no inferno! Ella tão amada! Tão ditosa!... E de repente cahir em uma masmorra! Seu corpo tão casto, ver-se profanado pelos homens que a submettiam a tormentos e a deixavam completamente núa, cahindo sobre si uma chuva de agua gellada! soffreu tanto a infeliz que é perdoavel o seu inestinguivel espanto.

O espirito de Mauricio, que chegou a sentir por ella uma verdadeira paixão, arrependeu-se de tal maneira no espaço, quanto tinha sido enorme o seu amor, e, em diversas existencias tem procurado aproximar-se de Clarissa, mas esta inconscientemente fugia horrorisada do lugar onde elle se encarnava; por isso, sem explicar-se agora o porquê, fugiu do sêr que sua mãe trazia no seio; é-lhe impossivel estar em contacto com Mauricio, não o odeia, não, porque Clarissa é um espirito que não sabe odiar, mas ficou aterrorisada ao sentir desde muito longe o fluido de um espirito que a fêz soffrer os maiores tormentos, e levará muito tempo para esquecer-se do horror que sente com a aproximação do seu verdugo.

Muito te poderia dizer sobre este assumpto, mas basta por hoje, para dar-te uma idéa do estado de animo da jovem suicida.»

Não encontro phrases para demonstrar aos espiritos a minha profunda gratidão por sua condescendencia para commigo, porque em meio da minha impotencia ainda posso fazer alguma coisa em bem da humanidade, dando-lhe conta de alguns episodios da historia do passado. Deus permita que até meus ultimos momentos na terra, possa obter communicações dos espiritos, que sirvam de ensino aos vencidos na luta da vida. Com o estudo do Espiritismo se encontra a solução de muitos problemas e se vê com clareza o que até aqui estava envolto nas sombras do mysterio.

Bendita seja a comunicação dos espiritos.

AMALIA DOMINGO SOLER.

(De Los Albores de la Verdad.)

O que pesa a nossa alma

«Cinco doutores da cidade de Massachusetts, nos Estados Unidos, dedicaram-se ha seis annos á descoberta da prova scientifica da existencia da alma.

Constataram que, invariavelmente, o corpo perdia um certo peso no momento da morte, sem que materialmente se pudesse explicar como, nem porquê.

Os cinco doutores procediam do seguinte modo: collocavam o moribundo e o seu leito n'uma balança subtilissima,

cuja exactidão ia até registrar o peso de quantidades equivalentes a um decimo de onça (tres grammas). Cada vez que o coração cessava de pulsar, a balança registrava bruscamente uma differença de peso e o resultado invariavel das experiencias feitas demonstrou que o peso d'essa mysteriosa substancia que, de qualquer modo, fugia do corpo juntamente com a vida, era de cerca de quinze grammas.

Do *O Paiz* de 25-4-1907.

Eis uma noticia de summa importancia, para nós, espiritas.

Cinco scientistas que, crentes na realidade da existencia da alma, resolvem estudar até descobrir, a prova scientifica d'este facto.

Registrando este successo seja-nos licito declarar que, o que julgamos devaler (segundo elles) o peso de quinze grammas, deve ser o corpo que reveste a alma humana, isto é, o perispirito; porque, sendo a alma ou espirito uma essencia a mais subtil que possamos imaginar, nunca poderia ter aquelle peso.

Commuicação

XIX

Roma e o evangelho.

—Ouvide a palavra:

Amai—amai—amai.

A letra é: *Não matareis* —o espirito é: *Amai*.

Amai ao vosso amigo, como ao vosso inimigo—amai ao rico, ao pobre, ao menino, ao ancião, ao santo, ao peccador, ao homem e á mulher, Eis o espirito.

O que vos offende, offende ao vosso irmão—e não offendereis ao vosso irmão naquillo que vos não offende. A offensa seria perversidade do coração—e no coração estará o castigo.

Não se mova a vossa lingua, nem a vossa mão, nem o vosso pensamento se levantem contra um dos vossos irmãos. Deixai nas mãos de Deus as offensas que elles vos façam—e só movei as vossas para a misericordia.

Aquelle que em pensamento offende ao seu irmão, consuma uma offensa aos olhos de Deus, porque o pensamento é obra do seu espirito, e seu alimento é filho de sua concepção.

O que infringe a lei, sem damnificar ao seu irmão, póde purificar-se pela expiação; mas, ao que offende a seu irmão, são necessarias a expiação e a reparação.

Se a offensa foi feita em pensamento, a reparação tambem o será; se foi por palavra, será por palavra; se foi por obras, será por obras.

Ninguem será justificado da offensa feita ao seu irmão, enquanto subsistir o damno e não estiver saldada a divida contrahida.

O Juiz da lei condemnará o devedor ao carcere, de onde só sahirá quando tiver pago o ultimo ceutil da sua divida.

Todos vós sois irmãos; não ha um só de vós que não seja filho do Pai, como Jesus o disse. Amai-vos, pois, uns aos outros com amor de irmãos, se quereis que o Pai celeste vos ame, como a filhos.

Se virdes que o vosso irmão tem fome e sêde, e comedes e beberdes sem vos lembrardes da fome e da sêde de vosso irmão, não sereis filhos do Pai celestial, e padecereis fome e sêde.

Se virdes a nudez em vosso irmão, e tiverdes uma tunica e não a rasgardes para cobrir a sua nudez, não sereis filhos do Pai celestial, e padecereis de nudez, porque, o pão, a agua e o linho, são dons de Deus para todos os filhos do seu amor—e, o que monopolisa esses dons, em prejuizo do seu irmão, é um ladrão e frustra o amor do Pai e a sua providencia.

Não se ria o vosso coração quando o coração do vosso irmão chorar; juntai as vossas lagrimas ás d'elle — e os anjos do Senhor recolherão as vossas lagrimas, e o Juiz da lei escreverá com ellas o julgamento dos vossos peccados.

Fazei ao vosso irmão todo o bem que estiver nas vossas mãos, mas por amor do bem e não com a vista no premio; porque, se obrardes esperando a recompensa, o vosso coração é indigno da obra e do premio da obra

O premio das obras é perecível, mas a recompensa do coração nunca morrerá.

O bem que fizerdes a vosso irmão, fazei-o em silencio, e que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita; pois, o bem que se faz ao som de trombeta, não nasce da caridade, mas do orgulho do coração.

Aquelle que entende que ha merito no bem produzido por suas mãos, está longe da perfeição de espirito; porque, o bem é a lei do espirito, e, o homem que assim obra, nada mais faz que cumprir a lei.

Não duvideis, no coração, de vossos irmãos em bons e maus; porque Deus faz brilhar o sol para o culpado e para o justo. Todos

cabem no amor do Pai—e não sois o juiz dos vossos irmãos.

Qual dos vossos irmãos é o justo? Qual é o peccador? Já visteis as suas almas? Não façais portanto selecção entre elles.

Quem julga aos outros, provoca com o seu orgulho o julgamento dos seus peccados.

Outro mandamento tenho para dar-vos: Perdoai aos que vos offenderem e dai sempre o bem pelo mal—é essa a perfeição na caridade.

O que dá o bem pelo bem, obra como costumam fazer os peccadores e os impios que procedem segundo a carne; mas, aquelle que ama ao seu inimigo e faz-lhe o bem em troca das offensas, obra contra a carne e imita aos anjos do Senhor.

Essa é a palavra de Jesus Christo no segundo mandamento—e toda a lei contida no primeiro e no segundo mandamento.

Ouvide a sua palavra e recebei a sua luz. Guardai a palavra de Jesus Christo.

João.

Profissão de fé

Estamos informados que o importante trabalho cujo titulo encima estas linhas, já se acha em confecção na Comp. Typographica Portuense, Portugal, donde deverá chegar prompto brevemente.

Avisamos os nossos leitores logo que elle se ache á venda.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos:

— O n. 7 da importante e bem redigida revista *El Siglo Espirita*, organ da Junta Central Permanente, do Primeiro Congresso Nacional Espirita do Mexico e a *Constituição* da mesma Junta.

— *Annales des Sciences Psychiques* de Paris, cujo n. 3 vem importantissimo pelos assumptos de que tracta e que muito interessam aos nossos confrades.

Os ns. 131 e 132 do importante periodico *Los Albores de la Verdad* de Barcelona Hespanha, o primeiro dos quaes estampa na sua primeira pagina um artistico retrato do nosso mestre Allan Kardec, em commemoração do 38. anniversario do seu desprendimento.

— O n. 1 do corrente anno da *A Doutrina*, revista de propaganda do Espiritismo, que se publica em Curityba, E. do Paraná. Por este numero vemos que os confrades que dirigem aquelle importante organ, tractam de Federar todas as sociedades e grupos d'aquelle Estado, com o fim de solidifical-os, estabelecendo melhor os meios de propaganda.